

**FEMINISMO E AMOR: NARRATIVAS DE DESEJO E LUTO PARA UMA
POLÍTICA DOS AFETOS¹**

Ana Beatriz Rangel Pessanha da Silva²

Resumo

Este artigo se propõe a identificar e refletir sobre a emergência, no contexto discursivo do feminismo contemporâneo, de uma política dos afetos que envolve as narrativas amorosas de mulheres na reorganização dos vínculos elaborados nas redes sociais e na militância feminista. A pesquisa desenvolve três eixos de análise: o feminismo como agente otimizador das relações amorosas; o feminismo como arma de denúncia do sofrimento amoroso; o feminismo como problemática para o erotismo. São usadas como fontes uma série de matérias jornalísticas, blogs feministas e relatos pessoais nas redes que procuram ressignificar e explicar as experiências íntimas pelas estruturas sociais de opressão ou adequar uma a outra. O trabalho busca compreender como essa nova forma de gestão do discurso amoroso contribui para elaboração de uma psicologia política das redes que tem dado conta de ordenar e dar sentido a uma parte das experiências individuais e à circulação dos afetos no ambiente digital.

Palavras-chave: feminismos; afetos; redes; política

Abstract

This article proposes to identify and reflect on the emergence, in the discursive context of contemporary feminism, of a politics of affection that involves the amorous narratives of women in the reorganization of the ties elaborated in social networks and feminist militancy. The research develops three axes of analysis: feminism as an optimizing agent of love relationships; feminism as a weapon of denunciation of loving suffering; feminism as problematic for eroticism. A series of journalistic materials, feminist blogs and personal reports are used as sources in networks that seek to re-signify and explain the intimate experiences of social structures of oppression or to suit one another. This work seeks to understand how this new way of managing the discourse of love contributes to the elaboration of a political psychology of the networks that has been responsible for ordering and giving meaning to a part of the individual experiences and to the circulation of affections in the digital environment.

Keywords: feminisms; affections; networks; politics

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Vínculo, Coerção e Resistência do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura ECO/UFRJ. E-mail: beatrizpess.ana@gmail.com.

1. Introdução

A manchete de uma matéria jornalística do *El país* publicada em julho de 2016 perguntava: “É possível organizar um casamento feminista?”. A resposta veio logo em seguida, no subtítulo: “A resposta curta é sim. A longa é que para se fazer é preciso um grande esforço por parte dos envolvidos”. Segundo a reportagem, a desigualdade de gênero é um fato e o casamento é um dos “bastiões do machismo”, mas isso não invalida a escolha de uma mulher heterossexual e feminista por se casar. No entanto, optar por uma cerimônia romântica e seguir de acordo com princípios da igualdade entre homens e mulheres requer certos cuidados aos códigos e símbolos tradicionais da instituição matrimonial. O pequeno manual revelado pelo jornal recomenda, por exemplo, que a noiva caminhe sozinha até o altar, já que ser levada pelo pai implicaria na ideia de que a mulher não seria capaz de tomar a decisão autonomamente; a festa não deve ser paga somente pela família da noiva, já que o costume se apoia na concepção de que o noivo estaria fazendo um favor ao aceitar a noiva, supondo que ele vai mantê-la de agora em diante; festas de despedida de solteiro separadas também devem ser evitadas, assim como jogar o buquê para as amigas solteiras após a cerimônia. Para guiar as mulheres pelo tortuoso roteiro do casamento feminista foi criado o site *The feminist bride*, garantindo que nenhuma tradição machista passe despercebida pelo desejo transgressor da noiva engajada.

A matéria do *El país* parece ter valor quase anedótico, entretanto ela é sintomática das transformações que vêm sendo operadas na circulação dos discursos amorosos desde a reemergência e popularização dos feminismos nos últimos sete anos.³ Sobretudo diz respeito à maneira particular de nosso tempo com qual essa bandeira tem sido reivindicada e às formas de subjetivação contemporâneas às quais ela está associada. Sustento, desde trabalhos de pesquisa anteriores específicos sobre o tema, e também apoiada em outros autores, que a versão hegemônica do feminismo contemporâneo que vem se popularizando pelos meios de comunicação, sensivelmente pelas redes sociais, se configura a partir de dois fundamentos. O

³ Assumo aqui o marco da realização da primeira Marcha das Vadias no Canadá, em 2011, para periodização da atual vaga do movimento. Tradicionalmente, são identificadas três ondas na história do feminismo. A primeira, entre o final do século XIX e o início do XX, se concentrou na reivindicação dos direitos fundamentais, como o voto e a educação. A segunda, entre o final dos anos 1960 e a década de 1970, trouxe o corpo, a sexualidade e os direitos reprodutivos para o centro da discussão com o lema “O pessoal é político”. A terceira, sobre a qual há menos consenso no que diz respeito à periodização, marcou a renovação da produção teórica feminista a partir da década de 1980, com estudos que começaram a desestabilizar a unidade do sujeito revolucionário delimitado pela categoria mulher. Estaríamos vivendo, portanto, a quarta onda do movimento.

primeiro deles é reivindicação de um direito a uma *feminilidade expandida*, liberada de certos padrões, mais do que o processo de colocar em xeque os símbolos da feminilidade – o que a situação do casamento relatada acima mostra muito bem; em segundo lugar estaria a intensa politização das narrativas privadas e dos afetos, um movimento que vem desde o lema “pessoal é político” da segunda onda do movimento, mas que se atualiza agora a partir de novos códigos de visibilidade e reconhecimento, baseando-se na própria erosão das fronteiras entre público e privado na contemporaneidade.

Uma das dimensões dessa politização dos afetos que está jogado nas narrativas dos feminismos contemporâneos diz respeito à noção de sororidade. A recente popularidade do conceito em português é atribuída à “nova onda” feminista; no entanto, as traduções para o inglês e o francês tiveram sua força durante os anos 1970, nas experiências norte-americanas e europeias da segunda vaga do movimento. De acordo com a pesquisadora Suely Gomes Costa, no artigo “Onda, rizoma e ‘sororidade’ como metáforas”, embora o conceito tenha alimentado muitas práticas do movimento feminista do mesmo período no Brasil, a palavra não encontra registro na produção intelectual feminista da época, com exceção de um artigo de Lia Zannota Machado no início dos anos 1990. Na produção francesa, por sua vez, a noção de sororidade já passava por uma revisão crítica nos anos 1980, quando Françoise Collin, diretora da publicação *D’amour et de raison*, organizou uma coletânea de textos dedicados a um seminário que reuniu 300 feministas voltadas para a crítica da ideia e da prática da sororidade. A intelectual francesa argumenta que tal solidariedade essencial feminina baseia-se numa “ilusão da harmonia e da homogeneidade entre mulheres, assim como a ilusão da identidade absoluta entre privado e político, considerando a evidência de que as mulheres se diferenciam e conflitam entre si (...) e que o inimigo político que é o homem pode ser amado” (COLLIN apud COSTA, 2009, p. 13). Essa tentativa de uma “identidade absoluta entre o privado e o político” também pode ser observada nos discursos sobre as relações amorosas e sobre o luto amoroso estruturados pela ótica feminista. Exemplos disso estão presentes em uma variedade de fontes como matérias jornalísticas, blogs feministas e relatos pessoais nas redes que procuram ressignificar e explicar as experiências íntimas pelas estruturas sociais de opressão ou adequar uma a outra.

A circulação dessas narrativas amorosas viabilizadas através dos códigos dos discursos feministas encontra uma pluralidade de expressões, mas para efeito de análise no presente artigo, estarão divididas em três eixos: o feminismo como agente otimizador das

relações amorosas; o feminismo como arma de denúncia do sofrimento amoroso; o feminismo como problemática para o erotismo.

2. O feminismo como agente otimizador dos relacionamentos amorosos

A relação heterossexual muitas vezes pode ser vista como um limite ou uma contradição para a vivência plena dos princípios de igualdade propostos pelo feminismo. Em um post do blog militante *Lugar de Mulher*, intitulado “Amar os homens e ser feminista: eis a questão”, a autora revela que em meio a uma crise existencial chegou à seguinte conclusão: “eu estou vivendo uma contradição, sou feminista e amo um homem que por mais esforçado, ‘esquerdamigo’, mente aberta e disposto que seja, é homem e nasceu pra agir como tal, logo, machista.”. A aparente incoerência, porém, é entendida como um destino incurável com qual a heterossexual feminista precisa produzir sua luta, dado que “o amor não é exatamente uma escolha para ninguém” e que “diferente da galera que propaga as curas de sexualidades, nós sabemos que orientação sexual não é questão de escolha”. Amor e orientação sexual aparecem no texto praticamente como equivalentes ou como causa e efeito um do outro, operação que demonstra um outro aspecto do que Michel Foucault apontava em sua *História da Sexualidade* sobre a coincidência que vai se desenvolvendo durante a Modernidade entre a consciência de si enquanto sujeito e a sexualidade. A forma de amar o outro, incluindo as contradições a serem superadas para tal, é também a forma pela qual o sujeito se define e se constitui.

De acordo com a autora do post, amar a quem se ama é tão determinante que não há empoderamento capaz de mudar tal condição. Entretanto, não é tarefa do feminismo fazer com que as mulheres se sintam culpadas por isso, mas que em suas relações, o véu “ilusório do romantismo” seja levantado para ser possível “amar com os pés no chão”, fazendo do amor uma das formas de produção de suas lutas. Ela convoca as mulheres: “Amemos com a mesma força que lutamos todos os dias para conseguirmos conquistar nosso lugar ao sol da igualdade. Amemos com resistência”.

A ciência, no entanto, tenta provar que o comprometimento com os valores feministas no amor não se resume à luta e à contradição. A revista *Superinteressante* publicou em dezembro de 2016 a reportagem intitulada “Pessoas feministas são mais felizes no amor”, revelando uma pesquisa feita por psicólogos da Universidade Rutgers, nos Estados Unidos que comprovaria tal hipótese. Entre as 500 pessoas participantes do estudo, os casais que

“simpatizavam com ideias feministas” e eram “favoráveis à igualdade de gênero” tinham uma vida sexual “mais saudável” e relações mais estáveis. Segundo a matéria, os pesquisadores ainda não descobriram em definitivo porque o feminismo seria responsável por essas condições amorosas mais satisfatórias, mas desconfiam que “homens feministas apoiam e entendem melhor suas namoradas” e que “quando se juntam a mulheres também feministas se livram da pressão de bancar todas as despesas do casal”.

A jornalista e ativista Nina Franco, em “10 lições sobre relacionamento que o feminismo me ensinou”, argumenta que os contos de fadas e outros produtos da cultura de massa por muito tempo passaram a ideia de que as mulheres devem ser “salvas pelo amor” e que são seres destinados ao casamento e à maternidade. Segundo ela, foi o feminismo que mudou sua perspectiva e permitiu que tivesse relacionamentos mais saudáveis, sem as ilusões do romantismo patriarcal: “posso dizer que o feminismo mudou a minha vida em muitos sentidos: melhorou a minha atitude como ser humano, ampliou minha visão de mundo, me tornou mais sensível e solidária às necessidades de outras pessoas. Clareou a minha autoimagem e sem dúvidas contribuiu para uma reviravolta na minha postura diante dos meus relacionamentos amorosos”. Sem que o feminismo a tivesse “empoderado”, ela não teria chegado à conclusão de que “a autonomia é um dos pré-requisitos básicos para se viver uma paixão de forma completa”. Entre as lições aprendidas estão a constatação de que “amor e dor não são sinônimos” e que tudo bem sofrer por amor, mas não “no amor”. Questionada por uma amiga – “Mas como você pode ser “superfeminista” e sofrer por amor?!” –, ela responde que o sofrimento pelo fim de um relacionamento é normal e é melhor do que estar presa a uma relação que “não supre nossas expectativas”. De acordo com o manual, uma feminista também sabe que apaixonar-se não faz de ninguém mais completo e que não se deve persistir em uma relação pouco saudável, nem ser movido ou aceitar sentimentos de posse pelo ser amado.

Em um texto menos ingênuo que o manual de lições, a jornalista Renata Correa alerta que o feminismo não serve para regular como as pessoas transam, começam, mantêm ou terminam relacionamentos, pois “o coração quer o que o coração quer, afinal”. No entanto, ele serve para analisar se os relacionamentos amorosos estão servindo ao bem estar das mulheres ou à manutenção de seu lugar de subalternidade. A operação de causa e efeito, porém, realizada no par estruturas sociais e relações íntimas também é elaborada como noção que guia os argumentos da autora: “é nas relações íntimas que as macro estruturas se manifestam

de forma mais desavergonhada, no conforto do lar, no enlace amoroso, na vertigem (...) nem quando estamos relaxados, na intimidade, a estrutura deixa de nos influenciar e ditar nosso comportamento, pensamentos, desejos”.

O objetivo de mostrar tais exemplos de elaboração de discurso nas narrativas aqui apresentadas não é propriamente realizar uma definição da multiplicidade de experiências da luta feminista, mas, sim, demonstrar como na popularização dos ideais relacionados ao movimento se revela uma transformação dos valores morais e éticos compartilhados na contemporaneidade e como tais valores se modificam a partir dos processos de subjetivação atuais. Essa operação de causa e efeito entre estruturas sociais e relações íntimas nem sempre foi uma conclusão lógica ao longo da história da sociedade ocidental. Como isso modifica nossa capacidade de entendimento sobre nós mesmos como sujeitos, e, mais especificamente, neste artigo, como isso transforma a maneira segundo a qual é elaborada a noção de amor e maneira segundo qual se narra as experiências amorosas? Nesse primeiro eixo de análise, vimos que os princípios feministas popularizados pelos meios de comunicação aparecem como uma forma de otimizar a experiência amorosa, torná-la mais saudável, segura e capaz de promover a autonomia do indivíduo. Esses são valores, como veremos nos tópicos seguintes, que podem ser considerados muito novos para se pensar a vivência do amor, mas que não deixam de estar em consonância com certa ética contemporânea de culto da performance e valorização do sujeito proprietário de si mesmo. No eixo de análise seguinte, veremos como esses ideais também estão presentes na forma como são narrados o luto e sofrimento amoroso das mulheres.

3. O feminismo como arma de denúncia do sofrimento amoroso

Uma das frentes de luta mais relevantes dos feminismos contemporâneos é a denúncia do assédio sexual através de relatos pessoais compartilhados nas redes sociais. Campanhas visibilizadas por *hashtags* como “meu primeiro assédio”, “eu não mereço ser estuprada”, “meu amigo secreto” e “*me too*” convocam as mulheres a relatar casos de abuso sexual para denunciar a violência constante à qual estão expostas e mobilizar a opinião pública para combatê-la. Outra problematização que emerge com mais força a partir desse novo *modus operandi* da circulação das narrativas de violência nas relações íntimas diz respeito aos relacionamentos abusivos. Blogs, matérias jornalísticas e grupos militantes nas redes sociais

alertam para as situações de dependência emocional e violência psicológica e física que enredam as mulheres em relações amorosas, predominantemente heterossexuais. No texto “Como o amor está matando as mulheres”, publicado em um blog feminista, a ativista Yasmin Moraes diz que “a sociedade é uma ode ao relacionamento abusivo”. Segundo a autora, “O amor romântico como o conhecemos, tem sido um instrumento massivo de dominação, aprisionamento e poda de mulheres (...) somos mortas. Mortas e traídas por nossas próprias noções do amor romântico. Mortas por homens abusivos que se validam de toda a construção social que nos empurra, ingenuamente, para seus braços”. A estrutura da sociedade patriarcal é vista como causa da violência sofrida pelas mulheres em seus relacionamentos e mais uma vez o feminismo é apresentado como o ideal capaz de fazer com que o sujeito feminino reconheça a origem adequada do seu sofrimento e desconstrua as ilusões românticas identificadas como armadilhas psíquicas.

Predominantemente, a discussão do relacionamento abusivo é colocada no âmbito da relação heterossexual, levando em conta a própria estrutura de argumentação da causa e efeito no par sociedade/intimidade. Um problema mais complexo começa a ser posto em jogo, porém, quando surgem relatos que são identificados dentro do conceito de relacionamento abusivo, mas se referem a relações homossexuais entre mulheres. Em um texto intitulado “Relacionamentos abusivos entre mulheres: o que fazer?”, publicado em um blog de ativismo feminista lésbico, a autora revela que os relacionamentos abusivos entre mulheres são um forte dilema político na militância, pois a noção que prevalece é de que, entre mulheres, salvo situações de relações interraciais, de grande diferença de idade, entre mulheres ricas e pobres, entre outros marcadores sociais, não há situação hierárquica de poder pré-estabelecida. Ao contrário do relacionamento heterossexual, já marcado por uma série de dominações estruturais e sistêmicas, a relação entre mulheres não poderia ser abusiva no mesmo grau de intensidade. Ao longo do texto, porém, a argumentação elaborada tenta mostrar como essa premissa é falaciosa. De acordo com a autora, a quantidade e a probabilidade de um relacionamento heterossexual ser abusivo é de fato maior -- porque pessoas do sexo masculino pertencem à classe sexual dominante e isso lhes dá meios e respaldo para abusarem de mulheres --, entretanto a intensidade da violência não pode ser medida pela orientação sexual. O maior problema colocado no texto diz respeito ao abuso no relacionamento entre mulheres que se dizem feministas, pois, frequentemente as abusadoras usam os princípios do feminismo -- como a sororidade, por exemplo -- para relativizar suas ações. A argumentação segue,

propondo estratégias para lidar com a situação na militância. O cerne de sua conclusão é que a ética feminista direcionada às vítimas, independente do sexo de seus agressores, deve ser a mesma. O que muda de acordo com o sexo é a estratégia de lidar com quem agride. Este exemplo expõe um impasse ético quando a estrutura lógica de causa e efeito presente nos discursos que analisamos é colocada em xeque. A violência na relação amorosa já não pode adquirir sentido unicamente pelos papéis sociais históricos. Mesmo quando os sujeitos envolvidos estão pretensamente em processo de desconstrução e liberação dos padrões ilusórios de comportamento afetivo, algo escapa à lógica.

Outro tipo de relato íntimo tem ganhado força nas redes sociais, também visibilizado na forma de denúncia. Mas nesses casos não são narradas experiências de violência física ou psicológica propriamente ditas. Trata-se de narrativas de luto amoroso nas quais a mulher denuncia um homem por uma série de dinâmicas e condutas em uma relação passada, geralmente ligadas à dificuldade de assumir vínculos afetivos. Homens que se mostram interessados e depois somem, com padrões de comportamento como indiferença, incapacidade de terminar relações, e que podem até fazer uso de discursos considerados “feministas”, mas que no fim acabam praticando o que em outros tempos seria chamado de “canalhice”. No texto “Quando um canalha é apenas um canalha”, a pesquisadora Natália Leon Antunes chama atenção para a ascensão do termo “responsabilidade afetiva” que vem funcionando como legitimador de tais denúncias, visto que elas não poderiam ser enquadradas como assédio, abuso ou estupro. A autora revela que tais relatos de luto amoroso passam pela angústia de ter vivido algo e não poder nomear seu fim, uma vez que o parceiro, muitas vezes, não reconhece o que houve como uma relação afetiva. Ela critica, entretanto, tal formato de denúncia que necessariamente vilaniza e vitimiza os adultos envolvidos em uma relação consentida, o que frequentemente esvazia a condição de sujeito da mulher. Vemos nesse caso como a popularização da estratégia de denúncia pelo relato pessoal que se fortaleceu pelos discursos feministas vem transformando os sentidos atribuídos às vivências do sofrimento amoroso. A necessidade de inscrever sua narrativa em uma experiência coletiva de dor revela um processo de subjetivação cujo sentido não pode mais ser encontrado na particularidade dos dramas individuais.

4. O feminismo como problemática para o erotismo

O terceiro eixo de análise deste trabalho concentra-se sobre as narrativas do erotismo problematizadas pela perspectiva feminista. Numa pesquisa em blogs feministas e em sites que tratam de sexualidade em geral é comum encontrar artigos escritos em primeira pessoa nos quais mulheres colocam a questão: ser feminista e gostar de práticas sexuais que envolvem algum nível de submissão. Em geral, os relatos costumam partir do questionamento sobre uma possível contradição entre os termos e certo sentimento de incoerência psíquica experimentada pelas autoras, até chegarem à conclusão de que a própria perspectiva feminista é capaz de liberar e legitimar suas práticas sexuais. Em um texto publicado no site *Vice*, uma mulher declara: “Sou feminista e gosto de sexo bruto; quando meu corpo reage fisicamente a algo que meu cérebro normalmente rejeita, isso é confuso, mas empoderador, e não posso me privar disso com base em princípios”. Segundo a autora, é embaraçoso revelar seus desejos em um mundo em que é preciso afirmar e reafirmar a igualdade e mais difícil ainda, na sua opinião, é encontrar um homem que realize suas fantasias sexuais e entenda que elas se encerram entre quatro paredes – no café da manhã seus posicionamentos feministas e suas exigências por um tratamento equânime precisam ser levados a sério.

Em um relato intitulado “Sou feminista e submissa no BDSM”, publicado do blog *Escreva, lola, escreva*, uma mulher explica como a adesão às práticas do BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) a ajudaram a superar uma experiência de violência sexual – o que a princípio parece uma contradição em termos. A autora argumenta que sempre se considerou uma feminista e dona da própria vida e que quando passou pelo episódio de violência achou que teria a coragem de denunciar e falar sobre o assunto, mas não foi o que aconteceu. Algum tempo depois da trauma, ela foi apresentada às práticas do BDSM e descobriu que naquele ambiente, mesmo assumindo a posição submissa, ela controlaria a situação e o seu “não seria não”. Como ela explica ao longo do texto, o BDSM possui uma série de regras segundo as quais tudo deve ser seguro e acordado previamente, o que na sua visão, oferece a sensação de poder. Para a autora, ser submissa no BDSM é uma das experiências nas quais ela “mais exerce seu feminismo”, porque é capaz de ter total controle e poder sobre o que é feito com seu corpo. O ensinamento proporcionado por esse tipo de prática seria a constatação de que “em uma relação deve

existir equilíbrio de forças, respeito entre as partes e então sim, por alguns momentos pode existir uma troca de poder, para prazer de todos”.

Esses textos que partem de uma aparente contradição entre feminismo e práticas sexuais consideradas de dominação da mulher, mesmo que para superá-la ao final, podem ser compreendidos como herdeiros de uma discussão fundamental que foi colocada nos 1970 pelas feministas radicais, que têm como representante teórica mais influente a pesquisadora Catherine MacKinnon. Essa corrente de pensamento feminista rivalizava com um pensamento mais liberal e afirmava uma série de posições antipornografia e antiprostituição, baseado no princípio de que as relações heterossexuais são completamente determinadas pela estrutura de poder histórica e socialmente construída pela dominação masculina – o consentimento e o poder de escolha da mulher seriam, portanto, fictícios, escondendo a real e inescapável condição hierárquica entre os sexos. É interessante observar como essa corrente pensamento, que não foi hegemônica ao longo da história do feminismo, deixou produções de sentido que foram sendo apropriadas e ressignificadas por discursos populares não necessariamente comprometidos com uma escola teórica. Conforme a linha de argumentação que venho desenvolvendo neste trabalho, a estrutura lógica de causa e efeito no par sociedade/intimidade permeia a variedade de discursos analisados e passa por certa simplificação da premissa do feminismo radical, mas certamente propõe outras saídas para o impasse, revelando o próprio modo de operação predominante nos processos de subjetivação contemporâneos. O caso do erotismo é sintomático para pensar como o movimento de inscrever suas experiências em uma narrativa coletiva para lhes atribuir sentido e legitimidade está em conformidade com uma noção de sujeito proprietário de si e de suas escolhas.

No artigo acadêmico “Relações de violência e erotismo”, a pesquisadora e professora Maria Filomena Gregori mostra através de uma pesquisa sobre sex shops, fazendo um relevante recuo histórico sobre os embates entre as diferentes correntes feministas sobre o erotismo, como vem ganhando força uma noção de um “erotismo politicamente correto”, no qual a prática sexual é vista como uma técnica corporal que visa o fortalecimento da autoestima individual. Segundo Gregori, certas perspectivas feministas liberais, como a da autora Carol Vance, por exemplo -- que determinaram boa parte das discussões do feminismo contemporâneo --, apostaram na ideia de que a liberdade sexual da mulher se constitui com prazer e perigo. Perigo porque casos como estupro, abuso, espancamento nunca podem ser retirados completamente do cenário virtual de possibilidades e prazer porque propõe a

possibilidade de transgredir as restrições da sexualidade apenas como reprodução. A tendência do debate, porém, foi dissociar prazer e perigo, dando ênfase a uma concepção de prazer que traz em si mesma uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre os parceiros. Já o perigo foi tratado de modo simples, como se apenas consentimento fosse capaz de traduzi-lo em prazer.

Uma pesquisa exploratória realizada pela autora em *sex-shops* não convencionais de São Francisco e Berkeley mostrou um novo tipo de mercado para o erotismo, que no lugar de promover o sentido de violação e transgressão das práticas sexuais não destinadas à reprodução -- noção que tem como base as teses defendidas por Georges Bataille no livro *O erotismo* -- introduzem uma concepção da ginástica e do fortalecimento do *self*. Os donos dos estabelecimentos também acreditam estar cumprindo uma missão política ao oferecer acesso a materiais que ajudam a expandir as experiências, melhorar o nível de informação sobre sexo, combater o medo, a ignorância, os preconceitos e a insegurança. Segundo Gregori, há uma preocupação, dos ambientes escolhidos para as lojas às estratégias de marketing, de tornar legítimas práticas consideradas pouco convencionais, desinvesti-las de seu caráter transgressor e descaracterizar as dimensões patológicas e perversas dos agentes envolvidos.

Nos exemplos explorados neste eixo de análise vimos que a afirmação de ser feminista e a adesão a certos princípios de igualdade funciona como um legitimador de práticas sexuais que a priori poderiam ser consideradas contraditórias a tais princípios. Como disse a autora do relato sobre BDSM, nessas experiências ela é capaz de exercer seu feminismo, pois tem o controle e o consentimento necessários para estabelecer a simetria da relação. A inscrição de sua narrativa em um discurso coletivo, ao mesmo tempo, dá um sentido politicamente aceitável para suas práticas e apaga as contradições psíquicas individuais, afirmando a autonomia individual de escolha. De acordo com Gregori, o debate feminista estabeleceu um quadro que ora reduz a violência a uma dicotomia entre vítima e algoz; ora, para entender suas difíceis articulações com o prazer, a desloca para um outro campo semântico, impedindo que ela possa ser objeto de reflexão.

5. Os sentidos do amor e a circulação dos afetos na pós-modernidade

O pesquisador Byung-Chul Han, no livro *Agonia do Eros*, afirma que a propalada “crise do amor” nos tempos atuais não seria causada pela infinita liberdade de escolha, pela

multiplicidade de opções e coerção de otimização. O fim do amor estaria próximo não pela constante oferta de outros *outros*, mas pela erosão do Outro, acompanhada pela narcisificação do si-mesmo. Para Han, a tendência da sociedade de consumo é eliminar a alteridade atópica e valorizar as diferenças consumíveis. A libido seria investida primordialmente na própria subjetividade. Segundo o autor, em tempos de uma ditadura da positividade, o amor é positivado numa fórmula de fruição e a negatividade de seu drama é apagada. A perspectiva um tanto catastrófica de Han não serve para esgotar o questionamento sobre o tema, mas indica algumas transformações que estão em jogo na nossa proposta de análise.

Os exemplos trazidos ao longo deste trabalho mostram como a popularização de certos ideais feministas atuam no processo de transformação dos valores e sentidos atribuídos às experiências amorosas. Nos três eixos de análise foi possível observar a tendência que associa o movimento de significação coletiva do sofrimento ou do sucesso amoroso à certa racionalização das práticas amorosas e eróticas. A inscrição das narrativas pessoais em uma estrutura social e histórica de valor promete fazer com que os indivíduos encontrem a origem adequada do sofrimento e se livrem dos enganos e ilusões do romantismo produzidos pela cultura – o que transmite a ideia de que haveria uma experiência real e racional do amor, da qual estaríamos sendo privados e que poderia ser acessada pelo conhecimento. Ao mesmo tempo, a dimensão inescapável e trágica do amor se localiza cada vez menos do seu drama simbólico (que pode ser racionalizado) e mais na orientação sexual entendida como destino natural (“o amor (orientação sexual) não é exatamente uma escolha pra ninguém”) – apesar dessa própria ideia de natureza (desejar naturalmente homens, mulheres ou ambos) ter sido expandida pela cultura. Curiosamente, a noção de destino, tão cara às narrativas amorosas ao longo da história, reaparece ativada descontinuamente a partir de duas dimensões. A primeira coloca a cultura como destino de uma ilusão romântica que condiciona os afetos; a segunda afirma o desejo sexual como destino de uma natureza expandida. A diferença é que ambas dimensões funcionam apenas como premissa retórica – todos os impasses de tal destino podem ser racionalizados e trabalhados pelas técnicas que envolvem o conhecimento e o esclarecimento político que desfazem a ilusão e otimizam a natureza.

O que reaparece permanentemente como objeto de desejo é o relacionamento saudável, satisfatório e livre de conflitos. Igualdade e consentimento entre os parceiros são conceitos reafirmados como fundamentais para alcançar essa saúde afetiva das relações. Esse nem sempre foi o parâmetro desejado ao longo da história, no entanto. O olhar genealógico de

Michel Foucault no segundo volume de sua *História da Sexualidade* é útil para pensar algumas dessas continuidades e descontinuidades. No capítulo sobre a Erótica na Grécia Antiga, Foucault examina a produção discursiva da época sobre as relações eróticas entre homens. As relações que foram objeto de investigação filosófica, não necessariamente que representavam a totalidade do amor masculino, implicavam uma diferença de idade entre os parceiros e uma distinção de status. A dissimetria era desejável, pois frequentemente se tratava de uma relação de aprendizagem, mas não desprovida de questionamentos e problemáticas morais e éticas. Era de interesse das produções discursivas da época refletir sobre a capacidade do jovem resistir às investidas do amante mais velho, de ceder no momento adequado, de equilibrar as dimensões passivas e ativas da relação. Em suma, interessava pensar como seria possível obter o domínio sobre si mesmo e ser, ao mesmo tempo, objeto de prazer do outro. A suposição, porém, de que por se tratar de dois indivíduos do mesmo gênero a relação seria provavelmente mais equânime ou menos problemática não era uma premissa válida para a época. Os papéis sociais determinados pelo gênero não eram os que mais importavam no estabelecimento da simetria de posições. O que parece ser o oposto da situação discursiva atual, como observamos ao longo deste trabalho.

Foucault ressalta que a erótica socrático-platônica vai introduzir uma mudança nos termos a partir dos quais se estabelece as reflexões sobre o amor. Não se tratará mais de responder às questões “quem convém amar e em que condições o amor pode ser honroso tanto para o amado quanto para o amante?”, mas de responder “o que é amor em seu ser mesmo?”, estabelecendo uma certa relação com a verdade do amor. Segundo o autor, alguns desses princípios que vão sendo introduzidos na cultura grega serão recuperados, a partir de novos termos e com outros efeitos, na modernidade, quando se constrói uma noção que associa profundamente verdade, sujeito e sexualidade. Fortalece-se então a ideia de um sujeito do desejo que acessa sua verdade através da investigação da própria sexualidade. Essa noção de sujeito moderno defendida por Foucault não está completamente ultrapassada na contemporaneidade, mas adquire outros efeitos e produções de sentido. Pode-se dizer que relação com a verdade no processo de exame da sexualidade e das experiências amorosas permanece ativada (*ser* feminista e aderir ou questionar certas práticas e experiências), no entanto essa relação com a verdade está submetida a um conjunto de técnicas de racionalização da experiência próprias do nosso tempo. Nesse ponto, a constatação de Byung-Chul Han de que hoje a libido é investida primordialmente na própria subjetividade é precisa,

pois a produção dos discursos sobre amor e o erotismo atual se destina mais à delimitação e otimização da própria individualidade do que na tentativa acesso ao outro. O sentido atribuído a esse processo, porém, deve ser coletivo, integrante de uma luta de liberação que dá acesso à real e à racional experiência do amor que foi roubada pelas ilusões da ficção romântica.

No livro *Amor nos tempos de capitalismo*, a pesquisadora Eva Illouz caracteriza a internet como uma “tecnologia verdadeiramente psicológica” (ILLOUZ, 2011, p.153). Ao estimular a investigação e expressão de si a partir do desejo de autenticidade, a rede pressupõe uma compreensão psicológica do eu e uma forma de sociabilidade psicológica. Nos discursos analisados ao longo deste trabalho fica clara a função terapêutica que a socialização pelas ferramentas de comunicação em rede das narrativas das experiências amorosas exerce na circulação dos afetos. Politizar os afetos e “psicologizar” a política parece ser a via de mão dupla na qual se apoiam essas narrativas, baseadas nessa dimensão psicológica da tecnologia. Esse movimento aponta uma possível fragilidade dos conceitos correntes de subjetividade pós-moderna que afirmam uma ruptura com as dimensões do eu nuclear e interiorizado da modernidade. Segundo Illouz, o eu postulado pela conjunção entre a psicologia e a tecnologia da internet pressupõe a existência de eu nuclear que é permanentemente captado por uma multiplicidade de representações, o que é mesmo capaz de reviver o *cogito cartesiano*, situando no interior da mente o único *locus* real de pensamento e identidade. A novidade trazida pelo fenômeno discursivo analisado no presente artigo é conjunção entre psicologia, tecnologia e política, construindo uma certa *psicologia política das redes* que tem dado conta de ordenar e dar sentido a uma parte das experiências individuais e à circulação dos afetos no ambiente digital. No caso deste trabalho, investigamos especificamente o discurso amoroso associado ao discurso feminista, mas o fenômeno também pode ser observado em outros espectros discursivos, como nas narrativas sobre raça, sexualidade e sororidade.

Referências

ANÔNIMO. Sou feminista e submissa no BDSM. *Escreva, Lola, Escreva*, 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2013/04/guest-post-sou-feminista-e-submissa-no.html>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CASTRO, Carol. Pessoas feministas são mais felizes no amor. *Superinteressante*, 21 dez. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/pessoas-feministas-sao-mais-felizes-no-amor/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

- CORREA, Renata. Feminismo e amor. *Medium*, 2 jan. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@letrapreta/feminismo-e-amor-a078c40cad7e>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-29, jul./dez. 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. _____ . *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FRANCO, Nina. 10 lições sobre relacionamento que o feminismo me ensinou. *Comum*, 8 set. 2016. Disponível em: <<http://www.comum.vc/conteudo-aberto/2016/9/8/10-lico-es-sobre-relacionamento-que-o-feminismo-me-ensinou>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, 2003, p. 87-120.
- HAMILTON, Kat. Sou feminista e adoro sexo bruto. *Vice*, 16 nov. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/z4b7m4/sou-feminista-sexo-bruto>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos de capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LORES, Alexandra. É possível organizar um casamento feminista? *El País*, 11 jul. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/08/estilo/1468014314_009963.html>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- MACKINNON, Catherine. Feminism, Marxism, Method, and the State: an Agenda for Theory. *Signs*, v. 7, n. 3, Spring 1980.
- MORAIS, Yasmin. Como o amor está matando as mulheres. *Medium*, 11 jun. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/como-o-amor-est%C3%A1-matando-as-mulheres-682b4ca536e0>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- NUNES, Natália Leon. Quando um canalha é apenas um canalha. *Hysteria*, 18 abr. 2018. Disponível em: <<https://hysteria.etc.br/ler/quando-um-canalha-e-apenas-um-canalha/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- REYBAUD, Terumy. Amar homens e ser feminista, eis a questão. *Lugar de Mulher*, 19 ago. 2015. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/amar-homens-e-ser-feminista-eis-a-questao/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- SAPATARIA RADICAL. Relacionamentos abusivos entre mulheres: o que fazer? *Medium*, 24 ago. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@sapataria/relacionamentos-abusivos-entre-mulheres-o-que-fazer-7abf6103f12e>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- VANCE, Carol. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Nova York, Routledge, 1984.